XXIV ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI - UFS

HISTÓRIA DO DIREITO

ANTONIO CARLOS WOLKMER

GUSTAVO SILVEIRA SIQUEIRA

Copyright © 2015 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – Conpedi
Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UFRN
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. José Alcebíades de Oliveira Junior - UFRGS
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM
Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR
Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes - IDP
Secretário Executivo -Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC
Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Conselho Fiscal
Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG /PUC PR
Prof. Dr. Roberto Correia da Silva Gomes Caldas - PUC SP
Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini Sanches - UNINOVE
Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS (suplente)
Prof. Dr. Paulo Roberto Lyrio Pimenta - UFBA (suplente)

Representante Discente - Mestrando Caio Augusto Souza Lara - UFMG (titular)

Secretarias
Diretor de Informática - Prof. Dr. Aires José Rover – UFSC
Diretor de Relações com a Graduação - Prof. Dr. Alexandre Walmott Borgs – UFU
Diretor de Relações Internacionais - Prof. Dr. Antonio Carlos Diniz Murta - FUMEC
Diretora de Apoio Institucional - Profa. Dra. Clerilei Aparecida Bier - UDESC
Diretor de Educação Jurídica - Prof. Dr. Eid Badr - UEA / ESBAM / OAB-AM
Diretoras de Eventos - Profa. Dra. Valesca Raizer Borges Moschen – UFES e Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - UNICURITIBA
Diretor de Apoio Interinstitucional - Prof. Dr. Vladmir Oliveira da Silveira – UNINOVE

H673

História do direito [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UFS;
Coordenadores: Gustavo Silveira Siqueira, Antonio Carlos Wolkmer, Zélia Luiza Pierdoná – Florianópolis: CONPEDI, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-059-6
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: DIREITO, CONSTITUIÇÃO E CIDADANIA: contribuições para os objetivos de desenvolvimento do Milênio

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Encontros. 2. História. I. Encontro Nacional do CONPEDI/UFS (24. : 2015 : Aracaju, SE).

CDU: 34

CONPEDI
Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Florianópolis – Santa Catarina – SC
www.conpedi.org.br

XXIV ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI - UFS

HISTÓRIA DO DIREITO

Apresentação

O interesse pela História do Direito tem crescido significativamente no Brasil nos últimos anos. A inclusão da disciplina no conteúdo dos cursos de graduação, desde o início dos anos 2000, tem contribuído para o conhecimento e expansão da área. Sendo ainda uma área (ou sub-área) nova, a História do Direito, ainda luta para sedimentar-se academicamente dentre as disciplinas chamadas de zetéticas. Ao contrário da Filosofia do Direito e da Sociologia do Direito, já consagradas em currículos, eventos e produções nacionais, a História do Direito ainda carece, se comparada com as outras áreas, de um certo fortalecimento metodológico e teórico.

Nesse sentido a existência de fóruns, como o GT de História do Direito no CONPEDI, auxilia que trabalhos, já com preocupações metodológicas e teóricas de grande sofisticação, convivam com os de pesquisadores iniciantes no tema. Mas, se por um lado, a referida disciplina luta para consolidar sua especialidade em relação à Sociologia do Direito e à Filosofia do Direito, ela é palco de internacionalização e de refinados trabalhos acadêmicos. A ausência da disciplina no Brasil, durante alguns anos, fez com que o intercâmbio internacional fosse uma necessidade, logo na formação da disciplina. O mencionado fato levou diversos professores e pesquisadores a uma profunda inserção no meio acadêmico internacional. Daí o contraste da História do Direito: uma disciplina jovem, pouco difundida e sedimentada em muitos cursos jurídicos, mas que, por outro lado, tem dentre seus pesquisadores mais inseridos, um elevado nível de pesquisa e internacionalização.

Neste contexto, os trabalhos apresentados no CONPEDI e publicados aqui, servem para demonstrar uma área em transição e em processo de fortalecimento. Assim, eles contribuem para problematização de métodos, metodologias e teorias que podem ser aplicadas à História do Direito.

As apresentações tiveram temas genéricos e específicos, abarcando desde aspectos da presença e influência do "common law no Brasil, passando pelo direito romano e temas conexos. Também foram discutidos pensadores como Hobbes, Virilio, Habermas e Leon Duguit, e temas como espaços femininos, ideias marxistas, movimentos sociais e a trajetória do Direito no Brasil. Este foi o principal tema dos trabalhos que reuniu contribuições sobre o Período Colonial, a escravidão, a educação e a cultura jurídica. Também foi problematizado o Direito no Período do Império, as eleições de 1821, a obra de Diogo Feijó, a questão da

legislação sobre a adoção e o Estado laico e confessional. Sobre o Período Republicano, os trabalhos preocuparam-se com história do Direito Penal, crimes políticos, jurisprudência do STF e Relatório Figueiredo.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Antonio Carlos Wolkmer (UFSC - UNILASALLE)

Gustavo Silveira Siqueira (UERJ)

Zélia Luiza Pierdoná (MACKENZIE)

HISTÓRIA DAS VELOCIDADES, VIRTUALIZAÇÃO CONTÍNUA DA REALIDADE E APAGAMENTO DA MEMÓRIA: PRIMAZIA DO PENSAMENTO ÚNICO E INCIDÊNCIA SOBRE OS DIREITOS - PAUL VIRILIO E A RUPTURA DA CIDADANIA PELA INTERFACE

HISTOIRE DES VITESSES, VIRTUALISATION PERMANENTE DE LA RÉALITÉ ET EFFACEMENT DE LA MÉMOIRE: PRIMAUTÉ DE LA PENSÉE UNIQUE ET L' INCIDENCE SUR LES DROITS: PAUL VIRILIO ET LA RUPTURE DE LA CITOYENNETÉ PAR LES ENJEUX DE L'INTERFACE

Eliana Conceição Perini

Resumo

Paul Virilio é um filósofo e urbanista que analisa criticamente o histórico político do desenvolvimento de um pensamento e de um conhecimento voltado à produção e ao significado das tecnologias no tempo e no espaço. Cria o termo « dromologia » para relacionar as diferentes velocidades nas quais as sociedades, o mercado e os Estados investem e a tentativa neurotizada de manutenção e produção nanotécnica de ultra-tecnologias voltadas à reprodução das « novas » riquezas no espectro liberal e no sistema capitalista. A relação entre a tecnologia e o tecno-cientificismo produzidos no século XX e nesses primeiros tempos do século XXI foi analisada nesse artigo e visa a introduzir uma correlação entre a historicidade da velocidade tecnológica e o elemento quase totalitarista das telecomunicações nas cidades e no âmbito global e uma série infidável de Direitos que são transmutados e restam violados ou violáveis numa temporalidade integral. As midias e o « registro » da produção das diversas fontes (das produzidas pela Administração às corriqueiras e rápidas investidas das « ciências da comunicação ») se autonomizam e fogem aos critérios formais e aos objetos tradicionais da gestão de arquivos. « Direito » e « História » e todos as ciências do poder sofrem renovados controles. O lugar da manipulação dos procedimentos de um Estado e uma prática política e econômica destinadas a manter e/ou « apagar » as informações, os dados e os « saberes » da subjetividade humana está garantido e quase institucionalizado. « Direito e velocidade » se impõe como um campo de estudo e de pesquisa inadiáveis no carrefour das ciências humanas e os vários campos de conhecimento do Direito.

Palavras-chave: História da velocidade, Paul virilio, Apagamento da memória, Direito e velocidade, Tecnologização da subjetividade, Ruptura da cidadania, Tecnocientificismo

Abstract/Resumen/Résumé

Paul Virilio est un philosophe et un urbaniste qui analyse d une manière critique l'historique politique du développement d'une pensée et d'une connaissance liée à la production et à la signification des technologies dans le temps et dans l'espace. Il développe la terminologie de la « dromologie » afin de rapporter les différentes vitesses dans lesquelles les sociétés, le

marché et les Etats investissent et la visée « névrosée » de la manutention et production nanothecnologique des super-technologies destinées à la production des "nouvelles" richesses au sein du spectre libéral et du système capitaliste. Le rapport entre la vitesse de la technologie produite au XXème siècle et celles produites au début du XXIème siècle a été analysées dans cet article et vise à amener une corrélation entre l'historicité de la vitesse technologique et l'élément presque totalitaire des télécommunications au milieu des villes et dans l'espace global et une série de nombreux Droits qui ont transmutés et restent violés ou « violables » dans une temporalité intégrale. Les médias et le « registre » de la production de diverses sources (tantôt celles produites par l'Administration, tantôt les plus simples registres de la (« sciences de la communication ») « s'autonomisent », se « scissionnent » de tous les critères formels et les objets traditionnels des archives. « Droit » et « Histoire » et toutes les sciences du pouvoir sont contrôlés et manipulés par une procédure d'un Etat et une pratique politique et économique destinées à maintenir et/ou « effacer » les informations, les données et les « savoirs » de la subjectivité humaine. « Droit et vitesse » se présentent en tant qu'un champ d'étude et de recherche « inajournable » dans le carrefour des sciences humaines et dans le sein des connaissances du Droit.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Histoire de la vitesse, Paul virilio, Effacement de la memoire, Droit et vitesse, Technologisation de la subjetivité, Rupture de la citoyenneté, Techno-scientificisme

Introdução

A partir do pós-guerra, os simulacros tecnológicos e virtuais da realidade dos sistemas autoreferenciais substituíram a origem dos objetos e os valores símbolicos das transformações, um dos principais enunicados do marxismo. O que chamamos de realidade passa a representar uma série de fatos produzidos e reproduzidos de maneira paroxística às simulações da realidade. Algumas análises do filósofo e recém-assumido "historiador", o francês Paul Virilio, apontam a política e igualmente os sistemas politico-jurídicos como produtos degradados do vazio pós-industrial, da revolução tecnológica e da ascenção da transpolítica. Assim como Anders Günther e Gilbert Simondon, Virilio é legatário da fenomonologia e estudioso das teses precurssoras de Husserl. A partir de sua formação fenomonológica examina e desenvolve um pensamento próprio de análise ultra-crítica das situações-limites da hiper-tecnologização da sociedade e da desumanização virtual que se apresentam sob o signo das hiper-velocidades e da banalização da interface: as noções jurídicas dos Direitos fundamentais sociais e os compromissos do Estado de bem-estar social « envelhecem » e são desintegrados nos estágios desterritorializados das relações de sujeitos realizando a sua existência na ausência integral da subjetividade. Na gênese dessa transição paradigmática encontra-se o desenvolvimento ultra-veloz de uma autocracia científica-tecnológica imposta por uma nova lógica da Guerra e do desenvolvimento econômico das sociedades capitalistas, cujas políticas públicas urbanas se tornam dependentes de uma temporalidade tecnologizante e se condiciom aos "presságios" de alterações cada vez mais rápidas e inesperadas. Essa é uma realidade da pós-modernidade: condicionar a prática democrática representativa-eleitoral às repercurssões da conquista de um maior investimento tecnológico e tecno-cientificista.

As análises de Virilio podem aparentar uma sucessão de excessos na condenação do ultra-tecnologicismo. Contudo, no que diz respeito ao histórico recente da transversalidade entre as ciências tecnológicas, ao redimencionamento diuturno das perspectivas jurídicas e ao histórico recente da produção do pensamento jurídico e da legislação dirigida às inovações das ciências tecnológicas, destaca-se um enorme descompasso. O paradoxo da hiper-produtividade como projeto unívoco transformam as perspectivas de inovação de Direitos em anacronismos diante da crença de um

« agora » mais atualizado informática e tecnologicamente. Ao rol ilimitado de conflitos sócio-jurídicos emergentes das transformações tecnológicas e da aceleração do tempo, o pensamento de Virilio « (…) assinala [os efeitos da] aceleração mesmo que o tempo continue a correr na mesma velocidade anterior ». (CAILLAT, 2009). A percepção do tempo por Virilio passa pela compreensão de que a História dos homens em sociedade progride na velocidade imposta pelo grau de transformação efetiva dos seus sistemas de armamento e a incidência de poder sobre sistemas obsolescentes de controle do território. (VIRILIO, 1977, p 13-18). No histórico do desenvolvimento do conhecimento técnico-científico, os grandes investimentos no desenvolvimento institucional e privado da pesquisa e a produção tecnologizada alcança níveis expressivos de financiamento pelo Estado pós-liberal e pelo sistema capitalista da "terceira modernidade"[1].

Virilio estuda as implicações de uma nova relação tempo/espaço na qual um hiper-homem se constitui. O pensador francês produz e alimenta um pensamento dedicado à análise crítica das sucessivas crises do capitalismo e da pós-modernidade pela impossibilidade absoluta de controle da corrida tecnológica. A partir das catástrofes em escala mundial e da desterritorialização (não-lugar) virtual das práticas arrogantes do mercado e das ciências do poder, o pensador de "*L'insecurité du territoire*" (1993) e de "*Cybermonde, la politique du pire*" (1999, 2000) produz uma série de ensaios onde confirma a tese de ser a História sócio-política pós-moderna um produto híbrido da História da produção da velocidade pela tecnonoligização ascendente do pós-Guerra.

Na exposição "Terre natale, Ailleurs commence ici"[2] Virilio evidencia também através de uma reunião de imagens e vídeos a falha na isocronomia do tempo humano

---

[1] A terceira modernidade se caracteriza por uma globalização em crise e no fluxo de movimentos e por três crises maiores (a crise econômica, a crise política-ideológica, a crise religiosa); ver ABELÈS, Marc. *Anthropologie de la globalisation*. Paris: Payot, 2008; caracteriza-se também por mutações do indivíduo hipermoderno (a relação com o "eu", a relação com o "eu" e o seu corpo, a relação como os outros, a relação com as coisas, a relação com o tempo, a relação com o espaço, a relação face às ideias e valores, a relação frente a transcendência; finalmente destaca-se a construção identitária do indivíduo hipermoderno da terceira modernidade; ver BOBINEAU, 2011.

[2] Após a exposição "Terre natale commence ici" - Fondation Cartier, Paris, 21 de novembro a 15 de março de 2009 foi editado o livro de bolso com o mesmo nome da exposição VIRILIO, Paul *et alii*.

e o desenvolvimento do tempo tecnológico. O tempo tecnológico se expressa através da acelaração do progresso, da manutenção dos indivíduos em um estágio permanente de progresso, na preciptação do instantâneo, da ubiquidade e do imediatismo. As noções do tempo não se confundem com a noção da velocidade. A alienação produzida pelo uso globalizado da virtualização das telecomunicações promove uma inércia global. Numa entrevista transformada em vídeo-documentário, o pensador francês afirma como expressões de um mesmo fenômeno a velocidade e a Guerra, onde a velocidade é a "(...) violência da violência, a violência suprema. Uma mão que acaricia o rosto de uma mulher ou de uma criança pode ser a mesma mão que os esbofeteiam. É a mesma mão, não é a mesma velocidade". (PAOLI, 2015).

Esse trabalho visa relevar a incidência de uma "política do esquecimento" destinada ao"apagamento voluntário dos valores da História, da memória e dos direitos contemporâneos. Os conflitos racionais e humanistas do sujeito do conhecimento na pós-modernidade são gradual e velozmente superados por uma defesa evidente de uma dimensão "pós-humana" resistente à normatização e, ao mesmo tempo, instituidora de convergências históricas entre as finalidades do progresso tecnológico e do governo poílítico (FUKUYAMA, 2003). Os elementos técnicos da política não estariam exatamente ultrapassados e por isso o autor de "O fim da História » (FUKUYAMA, 1992) crê em uma colaboração harmoniosa entre ciências e poder na realização da aventura humana (REPPERELL, 2003, tópico 6).

Vários ensaios publicados nos últimos 50 anos assinalam as exigências da Guerra Fria, a colaboração entre as ciências militares e espaciais e as tecnologias informáticas e cibernéticas por meio da arquitetura dos espaços urbanos e a biotecnologia destinada aos seres humanos. As temáticas da inovação em continuidade seriam fugidias à uma interpretação historiográfica tradicional. No que concerne à análise histórica das mudanças de mentalidade da prática jurídica incide um apelo evidente pela supressão da mémoria. Igualmente a História e as historiografias teriam sofrido uma ruptura com a possibilidade relativa de reescrever continuamente o passado como elemento culturalmente defensável (SCHAFF, 1989, 267-269). Impossível uma Ciência Histórica pois a noção de passado é desfeita pela prática desintegrante da

---

Terra natale, ailleurs commence ici. Paris: Coédition Fondation Cartier pour l'art contemporain e Actes Sud, 2009.

duração do presente num espaço e tempo determináveis e limitáveis. O tempo do presente-futuro seria o incontrolavel e « inaprisionável » : « (...) O recuo da História acarreta o fim de muitas conquistas (...) inclusive tudo se torna fugidio: os ideais políticos, a ética e a estética ; é necessário melhor apreender esse decorrer, esse escorregar progressivo do Tempo » (VIRILIO, 1997, p. 47).

Uma História da tecnologia: velocidade, desterritorialização virtulizada, desumanização como prática social

Paul Virílio desenvolve uma metodologia de análise da velocidade conhecida por *dromologia*. A relação do homem com a realidade temporal foi transformada diante do progresso científico-tecnógico do século XX: desconhecendo o longo processo histórico de mudanças na produção do conhecimento das ciências do poder (as ciências do Direito, as ciências ligadas à saúde e as ciências exatas e tecnológicas) o homem em sociedade é condicionado a atuar numa temporalidade instantânea e em escala mundial. O tempo ligado ao atuar local-físico é deixado no passado. No desenvolvilmento e nas transformações das sociedades humanas, a teoria dromológica estuda a função da velocidade como um aspecto qualitativo transformado em uma norma da sociedade de mercado. Nesse sentido, a riqueza (a acumulação), e o tempo como unidades de valor (o aspecto quantitativo) do materialismo histórico (MARX, 1966) deixam de ser o objeto do sistema capitalista.

A teoria da velocidade é consignada como uma categoria em si, destinada ao vértice dos elementos constitutivos de todos os ambientes humanos e animais. (VIRILIO, 1996, pp; 45-48; VIRILIO, LOTRINGER, 2008, pp. 34-39). A relação entre a velocidade e a tecnologia produzida no útlimo século e no início do século XXI adquire gradualmente consenso entre os estudiosos. Virilio assinala a revolução industrial como fator de alteração e renovação de cada gênero científico e filosófico (VIRILIO, 1995, p. 36). O tema da velocidade não é novo na literatura das ciências como a física e a cinemática. Em Virilio, a química e a cinética são estudadas como expressão ética e histórica de questões políticas e econômicas de forma a reinterpretar os fatores da aceleração e da velocidade como condições dromológicas de fenômenos antigos, modernos e contemporâneos como o imperialismo colonial, as revoluções

liberais e socialistas e as manifestações tecnológicas recentes da guerra e do terrorismo (VIRILIO, 1977, pp. 10-13).

O primeiro fenômeno examinado por Virilio é o da Guerra. O pensador francês lembra os antigos tratados sobre a arte de guerra e ressalta ser a velocidade o seu fator mas importante (VIRILIO, 1977, p. 172). Também o fenômeno da aceleração – o aumento da velocidade -, satisfaz o destino de um axioma belicoso. Essa velocidade agressiva se manifestou tanto na aceleração dos meios de transportes – principalmente os militares – quanto na capacidade de transmissão de dados e processamento de meios de comunicação social. Naturalmente esse contexto é anteriormente precedido por mudanças na economia e na política pós-modernas. Quando ao poder político, Virilio adverte a impossibilidade atual de lidar com a violência da velocidade, situação que coincide inevitavelmente com a reapresentação constante da guerra.

Na década de 1960, Marshall Macluhan (MACLUHAN, 1964) analisa a ascendência dos meios de comunicação como uma tendência irreversível ao anti-subjetivismo e à imposição da interface. Aponta o meio tecnologizado como mensagem aos novos tempos e os novos meios de telecomunicação como seus tradutores (MACLUHAN, 1964, pp. 21-37; pp. 76-81). As nova mídias eletrônicas desenvolvidas rapidamente no século XX são percebidas pelo autor como um retorno a uma forma coletiva de percepção do mundo. A referência a uma "aldeia global" aponta o pontencial de transformação das hiper-mídias (rádio, televisão e telefone). O autor antevia "a possibilidade de um mundo completamente interconectado: a comunicação universal, sem fronteiras, propiciada pelo ambiente virtual e surreal que Gibson chamou de ciberespaço – uma realidade consensual, (…) uma "alucinação" consensual." (FERNANDES, 2003, p. 73). A internet seria esse meio e sob o prisma de Macluhan, unificaria e retribalizaria o mundo (MACLUHAN e POWERS, 1992). Naturalmente os pensadores na atualidade contrastam as análises de Virilio à de Macluhan. Virilio foi um dos primeiros pensadores contemporâneos a marcar as evidências do espaço físico cibernético onde a comunicação humana atinge patamares desconhecidos de inter-subjetividades virtuais e se conectam na interface "local" e "global" segundo a lógica crescente de velocidades instantâneas e hiperperformantes (VIRILIO, 1993). Esse novo paradigma implica o desenvolvimento de um conhecimento transdisciplinar e releva a importância da dimensão dos "direitos das

telecomunicações na cidade" como o espaço (o lugar) físico comum a todos no acesso e conecção com o mundo inteiro. As interpretações são consequentes, mas se opoem substancialmente quanto ao sentido, os valores das mídias globalizadas e os fenômenos sócio-históricos produzidos pela desterritorialização e a generalização da interface:

> temos de um lado a preocupação do urbanista francês com o futuro das cidades e de seus cidadãos no que se refere ao que chama de "guerra pura" (…) onde a corrida pelo desenvolvimento de armamento bélico é a propulsão da história das civilizações e uma marca na sua evolução técnica, conduzindo a nossa atualidade à "aceleração da realidade" e temos de outro lado o teórico das mídias canadenses que se interessam em analisar como o surgimento de um novo meio, por exemplo, a televisão, afeta a paisagem de outras mídias pré-existentes e a organização de nossas sociedades. Um evoca a ideia da "aldeia global" (…) e o outro a de "meta-cidade" ou "além da cidade". Para o primeiro, o estado atual revelaria o pertencimento de todos a uma mesma grande família humana – todos ligados a uma sorte de consciência única -, enquanto para o segundo nós seremos forçosamente reduzidos, em bloco, a condição miserável de um gueto mundial. De um lado haveria a solidariedade, do outro, a exclusão. (SOARES DOS SANTOS, 2014, p.47)

Cabe então a apresentação das principais transformações na "velocidade". No histórico das civilizações Virilio desenvolve o conceito histórico em torno dos "acidentes integrantes" onde ressalta a necessidade de um registro institucional do conhecimento e análise das "catástrofes" e dos erros humanos para fazer face aos cataclismas contempoâneos e à imposição generalizante dos produtos 'arrogantes" das tecnociências. O pensador faz um chamamento ao estabelecimento, nos âmbitos locais e globais, nas instituições públicas e nas empresas privadas, nas pessoas dos cientistas e dos homens politicos, à uma ética da responsabilização e um princípio de precaução em relação ao presente e ao futuro. Necessariamente, uma ruptura drástica com o silêncio e o apagamento dos efeitos das calamidades tecnológicas devem ser expostas e interpretadas continuamente em "museus do acidente" como uma maneira de "criar" a memória desses eventos, de democratizar a escritura dos desastres e,

naturalmente, como uma tentativa humanista de evitar o acidente global (VIRILIO, 2005; 2009).

O pensador enuncia e traduz os três estados de transformação da velocidade no processo de desintegração do próprio passado como fenômeno cientificamente apreensível ou « recontado » : 1/ o estado passado : o espaço é superado pelos meios de transporte; 2/ o estado presente: o tempo é anulado na moderndidade pelos meios de comunicação e de informação que permitem a transmissão em tempo real; 3/ o estado futuro : a subjetividade e o "material" do corpo serão substituídos pela interface presente, por exemplo, em implantes corporais sensíveis. Outra premissa da aceleração da História da velocidade: a tecnologia bélica conduziu e conduzirá continuamente essa transformação. O desejo humano de possuir e gerar velocidades sempre maiores se manifesta, portanto, de maneira regular e inalterável (VIRILIO, 1995 p.7).

Em relação à revolução nos meios de transportes Virilio reaviva a noção histórica do desenvolvimento das habilidades humanas e a tendência ao cumprimento e aderência das classes dominadas às demandas impostas pela expressão da força, das formas jurídicas e do poder dos líderes políticos, militares e religiosos. Esse fenômeno da antiguidade é designado por símbolos atávicos de poder que reproduzem o chicote ou a vara sustentadas pelo Faraó, pelos imperadoradores e pelo Papa e são prerrogativas do poder, expressões da posse, controle e manejo de meios de transporte e comunicação mais velozes (*idem*, p. 18).

O controle territorial ocorreu pela expressão da curiosidade e da capacidade de conhecer e de dominar, com celeridade, os espaços físicos desenvolvidas pelo homem em sociedade. Do uso de corpos inanimados artificiais como bolas de canhão e balas de mosquetes, o limite físico da velocidade do cavalo ou do número de velas de seu navio, há um número incontável de meios transformadores nas acelerações da velocidade. Uma grande revolução ocorre com a introdução de máquina a vapor e, posteriormente, com a estrada de ferro. O homem moderno experimenta a indescritível sensação de vencer velocidade física. A tecnologia legitima um novo capítulo na história da humanidade e o espaço físico é o primeiro aspecto antropologicamente atingido pela revolução dos transportes (VIRILIO, 1993).Virilio

estuda os fenômenos produzidos pelo progresso incessante das tecnologias de acelaração na busca do alcance e domínio de todos os espaço. Essa investida premente e constante é percebida como uma prática de simulação democrática uma vez que a expansão da velocidade das tecnologias concorre na fomentação de novas fontes de violência e perigo para os homens.

A revolução nos transportes inaugura a modernidade (REDHEAD, 2011, p. 17). O espaço se relativiza diante da superação da velocidade física e da velocidade supersônica. A segunda fase de transformação da velocidade ocorre no domínio da comunicação e uma etapa decisiva é alcançada pela transmissão a cabo e por ondas eletromagnéticas. A partir da primeira transmissão via satélite de telecomunicações morse, a humanidade experimenta, independentemente de sua posição no espaço, um novo componente de comunicação: o imediatismo. As tecnologias midiatícas criam uma nova dimensão de tempo e espaço: a dimensão tecnológica (VIRILIO, 1977, p. 48; THOMPSON, 1990; CASTRO, 2008)).

Um passo significativo empenhado nas últimas décadas foi a "popularização" da velocidade absoluta da luz e das ondas eletromagnéticas (VIRILIO, 1995). Novos parâmetros se impõem à percepção através da interface da internet, da ruptura das subjetividades e da presença totalitária e imperativa de monitores mediando as interfaces em praticamente todos os espaços, impondo aos cidadãos um "acordo" entre o seu uso pessoal e coletivo. Uma conectividade obstinada triunfa através das redes virtuais e inspira a convergência da arquitetura tecnológica das interfaces (VIRILIO, 1993b, pp. 53-81; VIRILIO, 1984, pp. 165-179). Virilio denuncia novamente um dos destinos negativos das tecnologias da velocidade e alerta a prospecção das ilusões que, uma vez operantes em todos os espaços e em todos os tempos, gerou, concomitantemente, meios científicos e tecnológicos destinados a subjugar, a monopolizar e a especular o corpo humano.

As pesquisas de Virilio avançam na interpretação da revolução tecnológica presente nos transplantes e no que denomina "sobre-humano". Já em 1995 observa que *"* (…) 90% da pesquisa em microtecnologia lida com sondas, sensores e teledetectores" (VIRILIO, 1995, p. 23). O "cidadão terminal" é a pré-figuração do super-homem do futuro vivendo essencialente no espaço "desrealizado"(VIRILIO, 1993). Destaca-se

um novo paradigma com o qual o pensamento de Virilio dialoga de forma ousada. Apesar de o corpo humano não ter ainda experimentado uma revolução comparável à que ocorreu no transporte e nas comunicações, é chegado o momento em que ele se tornou o objetivo central das tecnologias e da velocidade em operação (VIRILIO, 2000, 48-9). São essencialmente conexos, na obra de Virilio o corpo territorial (a cidade, o planeta), o corpo social (a ecologia) e o corpo humano (corpo animal). Como são três as grandes linhas temárias de seus estudos, a aceleração da produção do pensamento e da prática tecnológica conseguiram colonizar através da microtecnologia o corpo dos homens como no passado recente colonizara o território com as vias de comunicação físicas e virtuais (VIRILIO, 1996, pp. 43-44).

O pensador francês cita eventos e "máquinas" já comercializadas no passado recente e tecnologias representadas no glamour na filmografia comercial e alternativa onde estão presents e democratizados o uso de próteses sensoriais supersensíveis, câmeras instaladas nos olhos aptas a transmitir informações recebidas através do ar (VIRILIO, 2002; LECOURT, 2011; UNL, 2011, pp; 5-15; Colloque "L'Humain Augmenté, 2012). O provável homem-máquina teria sensores capazes de perceber o mundo e registrar uma realidade sem a necessidade de passer por uma experiência sensível tradicional. Poucos são os estudiosos que percebem com entusiasmo o fato de esses enunciados já serem oferecidos por Virilio há mais de duas décadas.[3]

Sobre o uso de uma nanaotecnologia capaz, no futuro próximo, de maximizar a memória humana, ressalta a gradativa rejeição de uma perspectiva terapêutica e

[3] O pensamento da transhumanidade anuncia o uso performático da hibridação e uma nova epistemologia do corpo. Virilio acena com pessimismo outros enunciados trágicos da História e do futuro: a invenção (nos termos nitchizschianos) do sub-homem, do infra-homem e, seguramente, do transhumano e do pós-humano *in* VIRILIO, Paul. *Stratégie de la deception*. Paris: Gallimard, 1999. Mais recente, uma reanálise também sobre esta temática é apresentada na entrevista convertida em VIRILIO, Paul, RICHARD, Bertrand. *L'administration de la peur*. Paris: Textuel, 2010. Ver R. PEPPERELL, *The Posthuman Condition: Consciousness beyond the brain - The posthuman Manifesto*. Intellect Books, 2003; BERNARD, Andrieu. "L'hybridation performative ou: la fin du mythe de la perfection". *Alliage*, n°67 – outubro de 2010. *In* http://revel.unice.fr/alliage/index.html?id=3316 – (acesso em 28 de fevereiro de 2015). As ciências do imponderável ligadas à velocidade do uso das nanotecnologias e procedimentos de síntese e a introdução de nano-objetos em "nanocomposições", a "modelagem" da matéria segundo a arquitetura de sistemas miniaturizados numa escala nanométrica, onde são exploradas as propriedades inéditas de nano-objetos e a indicação de uma prospecitva de aplicabilidade futura insondável. Ver KLEIN, Étienne. "De l'avenir des nanotechnologies". Paris: Institut Diderot, video Réunion, 2014. http://reunion.orange.fr/loisirs/videos-reunion/high-tech/etienne-klein-les-nanotechnologies-et-l-avenir-de-l-homme-paris-institut-diderot-12-janvier-2010-2-de-2.html (acesso em 28 de fevereiro de 2015).

agrementa as perspectivas de um “homem-prótese” (VIRILIO, 1977, pp. 57 e ss). A acepção do agir humano como um evento eminentemente fenonômico, implica o raciocínio de a "substituição" de partes do corpo humano ser um evento proporcional às perspectivas da "competição" com o próprio corpo e com o do outro. A partir de uma concepção na qual o corpo é “poupado”, opera-se no sentido de a técnica lhe oferecer uma “isenção” das suas próprias funções afim de torná-lo mais eficiente. O cyborg é o exemplo dessa transformação do autômato humano. Quando se emprega no cidadão os “produtos” da pesquisa biotecnológica, cria-se igualmente situações para indagar a existência da natureza humana e, eventualmente, se esse será o seu destino na pós-modernidade.[4]

Finalmente o turbo-capitalismo (LUTTWAK, 2001) e o “fim da política” concidem com a imanência da desordem geopolítica originada da queda da URSS. Virilio observa a intensa discussão dos termos da posse da riqueza e destaca a ausência da

---

[4] Michel Foucault na obra *“Les mots et les choses”*(1966) denota a origem do conceito de “humano” da pós-modernidade ocidental como uma combinação do conceito de sujeito ao conceito de indivíduo e seria o “humano” o enunciado de valor da produção do conhecimento e da tradução do real. “(…) a busca da perfeição [Lecourt,1999]; da arguição da idade do medo [Lecourt, 2009], domina os debates sobre a cultura e se apresenta como o arauto da denúncia do transhumano, das nanotecnologias, dos implantes e do híbrido », *in “Du Gouvernement des vivants” - Cours au Collège de France (1979-1980*. Paris: Gallimard, Hautes Ėtudes, 2012. Através da prática da dialética, Foucault, nos anos 1980, agrupa os cuidados do corpo e a medicina à questão do conhecimento do sujeito por ele mesmo na Antiguidade ao cuidado de si mesmo. Foucault estabelece os parâmetros do bio-poder e analisa o auto-cuidado, o fato cotidiano do homem pós-moderno escolher ele mesmo as formas de cura e ao mesmo tempo dedica ao corpo um tipo de culto. Essa prática dirigida a si mesmo indica uma forma renovada de viver através da transformação, o aperfeiçoamento e a modificação do sujeito por ele mesmo. São temáticas correlatas à essa assertiva “o governo de si mesmo”, a “auto-cura”, a “auto-reparação” e a “auto-hibridação”. Bernard Andrieu, « Body Agency & Autosanté », *Recherches & éducations* , n° 3, septembre 2010, *in* http://rechercheseducations.revues.org/571 (acesso em 10 de março de 2015). Ainda Bernard Andrieu estuda a filosofia e a prática do corpo na pós-modernidade. O autor ressalta o alcance da liberdade do corpo no artigo « L’hybridation performative, ou la fin du mythe de la perfection », *Alliage*, n°67 - Octobre 2010, 2012 *in* http://revel.unice.fr/alliage/?id=3316 (acesso em 10 de março de 2015). Ver também sua obra “*Les Avatars du corps. Hybridités et Somatechnies”*. Paris: CNRS Eds., 2008. Atualmente a crítica do biopoder pelos filósofos pós-foucautianos passa pela problematização da “manipulação” (Marzano, 2009), o “eugenismo liberal (Habermas, 2002), da catástrofe ao catástrofismo (Dupuy, 2004) e pelo caos tecnológico e *dominium mundi* (respectivamente Virilio, 2005 e Legendre, 2007), mas também no Canadá com os enunciados da sociedade “pós-mortal” de Roxanne Mykitiuk, Céline Lafontaine et Antoinette Robitaille (Lafontaine, 2008) ou o britânico Nikolas Rose (Rose, 2007). Em literatura, dois romances de Michel Houellebecq são considerados como “premonitórios” da atualidade pós-moderna: *Plataforme* e o enigmático « *Les particules élémentaires* ». A poesia do transvisível de Serge Venturine provoca fascinação (Venturine, 2010). A filmografia commercial americana se apropriou dos argumentos biotecnológicos e encena uma socialização desumanizada constituida pela biomecanização, pela perfeição corporal, pela performance e a hidrodologia, pela plástica da hibridação e a automedicação, pela auto-transformação e a ontogenética. Ver LA CHANCE, Michaël. *Capture totale: Matrix, mythologie de la cyberculture*. Laval: Presses Université Laval, 2006 e ANDRIEU, Bernard. *Dictionnaire du corps dans les sciences sociales*. Paris: CNRS Eds, 2008.

percepção do imanente poder assumido pela posse da velocidade (VIRILIO, LOTRINGER, 2008, p. 49 e ss.). Na essência da sociedade turbo-capitalista, o filósofo historiador apresenta uma tradução do seu modelo dromocrático, próprio a uma sociedade na qual a hierarquia da riqueza anda par e passo com a hierarquia da velocidade, ou seja, quanto mais e maior a "gestão" da velocidade, igualmente maior o acesso ao acúmulo da riqueza. Esse processo prescinde os outrora valores políticos e morais. Expressão de uma certa globalização, a constância dessa fórmula se apoia num embaraçante suporte militar na defesa ou na exportação desse modelo aos países distantes do contexto ocidental.

No final da segunda Guerra mundial, imediatamente se traçou a contraposição entre o bloco soviético e o Americano. O fato do conflito jamais ter se resolvido por uma opção atômica não esvazia o peso do massivo uso de armas paramilitares de Propaganda. Na obra "Arte do motor" (VIRILIO, 1996), Virilio indica a função da informação como o "quarto poder": no seio da sociedade Americana, e, em seguida no ocidente, colocou em prática um tipo de estratégia de *marketing de massa* (*idem,* p. 45) onde a publicidade deve antes criar atitudes e não necessariamente vender. Com o objetivo de exportar a imagem de um modelo de desenvolvimento e da democracia ocidental, a publicidade passa a promover uma unificação da informação mais generalizada e realizada pela nova indústria publicitária. Identificadas a fronteira entre a publicidade-propaganda e a informação, a base política econômico-militar que estabelece o fundamento político, o pensador interroga as consequência sociais dessa fungibilidade à luz do declínio da ideologia política no universo transpolítico pós-moderno.

Apagamento do Real. História e Direitos: existir e resistir na virtualidade

Um processo atual analisado por Virilio refere-se às consequências da chamada "dromocracia"[5]. Duas manifestações eminentes estão presentes nesse conceito: a de

[5] O termo "dromocratia" aponta as hierarquias da velocidade ligada às hierarquias da riqueza. Seu raciocínio em relação a essa noção é metonímico e revela a relação de dependência na aquisição da riqueza. Assim "dromocracia" é uma "hierarquia da riqueza no seio da hierarquia da velocidade"; ela opera por sinédoque (figura fundamentada na relação de compreensão e que consiste no uso do todo pela parte) posssibilitando a afirmação de que a hierarquia da riqueza é ao mesmo tempo uma hierarquia do espaço, do tratamento médico, da fomentação da riqueza, etc. As possibilidades de adquirir mais velocidade (por exemplo, usando um automóvel no lugar de um burro), havendo um

“acidente” e o de “esquecimento do real”. A teoria dromológica descreve como as mídias agrediram primeiramente o espaço e, em seguida, o tempo. A revolução telemática e a introdução da internet oferecem o suporte principal às relações da realidade viral. O corpo humano é o instrumento atual de embate sensível à expansão desse processo. O aniquilamento do “real” e a atuação da virtualidade são os objetos de “*La machine de vision”* (VIRILIO, 1988, p. 128) e descreve anteriormente à globalização do uso da internet a junção de dois antecedentes indispensáveis na conexão virtual: a automatização da percepção e a delegação da realidade às máquinas como procedimentos próprios aos procedimentos científicos-tecnológicos do pós-guerra e da guerra-fria.

A interpretação de códigos de data-vídeo é uma das primeiras tecnologias às quais Virilio refere particularmente à presença preponderante da máquina como substituto e interface direta da realidade e da subjetitvidade. “A clara alternativa entre realidade e ilustração é substituída através da destinção entre o atual ou virtual” (VIRILIO, 1988, *idem, ibidem*). Tratou-se da fase e do processo no qual o homem delegou a função perceptiva aos produtos tecnológicos. O início se deu no campo das forças militares – radar e instrumentos de medida eletrônica substituindo a anotação visual – e prosseguiu com o automóvel, com a televisão, com o computador e com a atualização dos aparelhos e equipamentos da realidade virtual. O fato de o homem ter delegado à máquina e ao calculador o registro (*save*) da informação sob a forma de banco de dados, cria o risco de provocar a perda da memória viva do homem nos arquivos do futuro.

Há de se pensar como reagiram os muitos historiadores, arquivistas e os especialistas em gestão documental nesse contexto de transição.[6] A opção sistêmica pelo

---

maior espaço para viver ou gestar o seu comércio, a disponibilidade de mais conforto no cotidiano, o acesso aos melhores medicamentos e de uma alimentação mais abundante e refinada são consequências específicas. *In* Virilio Paul, (1991) 2004, « Dromologie : logique de la course », entretien de G. Daghini avec P. Virilio, *in* Multitudes Web, http://multitudes.samizdat.net/Dromologie-logique-de-la-course, (acesso dia 12 de março de 2015).

[6] Cabe aqui um testemunho pessoal sobre a contingência do “medo” e da estranheza provocada pela obrigatoriedade da gestão documental informatizada dos arquivos no Brasil. Uma formação no “primeiro” curso de “Especialização em Arquivo e Ciências da Informação” promovido pelo Departamento de História e pelo Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora em 1993 buscava um paralelismo mínimo com a tecnologia de preservação da memória, a formação de novos atores no engenho dos arquivos microfilmados e sua disponibilização virtual imposta pela edição da primeira lei de gestão documental nacional (política nacional de tratamento procedimental e técnico também virtual das fontes primárias, fontes secundárias e das fontes históricas públicas e privadas –

“presente” se manifestou desde então pela virtualização, pelo dinamismo bélico e pela busca do transcendentalismo físico. Essa combinação de fatores são os mais óbvios, mas os termos da opção, fascinação e expectativa por “tudo” que será produzido no futuro podem ser compreendidos como um jogo menos óbvio de semelhanças e contrastes. A "estética ativa do esquecimento" é hoje o “impulso” do realismo social sustentado pelo conjunto de circunstâncias midiáticas e cientificistas de uma lógica perversa do apagamento, ridicularização e “risibilidade” dos próprios momentos vivenciados pelos indivíduos diante da obsolecência dos meios tecnológicos de sua geração. A estratégia de “museificação” da existência real apresenta continuamente o tempo como um obstáculo ao “magnífico” futuro próximo; as ideias, os ambientes e própria realidade espaço/temporal estão destinadas a um envelhecimento precoce. Na “contração” do tempo se “reduzem” “as distâncias assim como os fenômenos se acerelam, ocosionando uma inevitável saturação (GAUDRIAULT, 2012). Acerca da temática da síntese do tempo e o debate com Bergson, Deleuze também assinalara o presente como “o grau mais contractado do passado” (DELEUZE, 2000, pp. 108-115). No cenário premente do esquecimento, de uma realidade amplificada e efêmera, está assegurada, em vários contextos, a impossilidade do exercício efetivo destinado às soluções dos problemas e dilemas concretos da nossa realidade cotidiana. A efetividade de muitos direitos, essencialmente dos direitos fundamentais sociais são postergadas à uma “crença” generalizada de soluções futuras ligadas muitas vezes ao desenvolvimento de uma mentalidade tecno-cientificista ultra-eficiente. Essa convicção é uma fantasia liberal trivializada e travestida num complexo e temerário desinteresse individual e coletivo pelas insuficiências dos direitos no presente e uma permanente procrastinação e temporalização da prática política e jurídica do enfrentamento das vicissitudes historicamente constituídas. A quota positiva de Direitos inovadores poucas vezes não se vê associada ao acesso facilitado de produtos

---

Lei 8.159/1991. Num contexto onde os computadores de uso doméstico ainda eram uma novidade, todos os participantes do curso – Historiadores de formação - reagiram “desastrosamente” face às disciplinas de informatização das fontes ministradas por professores da Engenharia da Informática. Cataclísmicamente a turma “decidiu” não produzir o projeto de informatização e de gestão documental do arquivo-modelo “escolhido” pela coordenação do curso. Um dos professores de informática reagiu bem à “insubmissão” do grupo de historiadores alarmados: antecipou prognósticos do processo inevitável da informatização da “sociedade” e aconselhou “tolerância” face a inevitável virtualização, “democratização” e “desterritorialização” das fontes documentais e as transformações no processo de produção de conhecimento no futuro próximo. Alguns participantes do curso não hesitaram a pronunciar o paralelismo entre a acumulação tecnologizada da informação ao também inelutável processo de sua capitalização, à atrofia passiva da mémoria e ao apagamento da tradição livresca e documental nos moldes da perda histórica da memória oral.

de uma cultura do imediato e pode traduzir uma ilusão promovida pelo falseamento de sua democratização (ou popularização) criadas pelas ciências do poder e pela sociedade do controle de longa duração (FOUCAULT, 2003, p.103-126; DELEUZE, 1990, pp. 2-4). Constata-se essa dinâmica nas consequências sócio-econômicas intrísecas às diferentes velocidades nas quais se obtêm conectividade no acesso tanto às informações de uma cultura da super-atualidade, no consumo simplificado dos produtos e direitos inovadores pelas classes socialmente privilegiadas quanto ao uso antecipado e monopolizado dos produtos de uma tecnologia e das ciências (humanas, de saúde e puras) por uma parcela ultra-minoritária da humanidade. De um lado, os indivíduos não identificam facilmente os limites éticos da desigualdade no alcance das possíveis conquistas positivas das ciências tecnológicas e de outro, suportam social, econômica e ecologicamente os efeitos deletérios das práticas públicas e privadas de assujeitamento promovidas pelas mega indústrias e os investimentos locais-virtuais em tecnologia.

Alguns extratos de entrevistas e "diálogos" com Virilio já foram acima citados e remetem aos enunciados introduzidos, muitas vezes, ao conjunto da obra do pensador. No que concerne a História e a produção de uma memória do presente, o "historiador das velocidades" insiste, desde o final da década de 1980, em evidenciar os efeitos futuros das "velocidades" (aceleração/desaceleração) e das práticas desaparecimento (effacement) da hodiernidade. O tempo e o espaço registrado em formas virtuais conquistam anualmente mais translucidez e efêmeridade. O debate e a crítica sobre a possibilidade de falseamento e manipulação dos dados, imagens e escritura pictografadas nos "arquivos" em rede, nas bibliotecas virtuais (ciberteca), na computação, armazenamento e tecnologias em nuvem (dropbox) é, muitas vezes, realizado no mesmo âmbito da produção acadêmica e industrial das ciências tecnológicas. A imposição dos sistemas de comunicação impõe a coletivização do *hic et nunc*[7]. As renovadas telecomunicações nos desterritorializam e dão nascimento a uma "memória ao vivo" (*in* live), um paradoxo na instantanilidade: ocorre no "agora" e no "aqui" e os indivíduos são "confrontados a uma crash temporal, a uma nova forma de poluição do instante presente que se dilata, que dura e que não se resume mais no seu evento e no seu desaparecimento" (CASALEGNO, 2005, p. 81).

[7] O "aqui e agora" integra a filosofia do existencialismo.

O domínio dos conceitos e das funções nano-tecnológicas, por exemplo, é um dos requisitos da compreensão da indispensável "gestão técnica e virtual documental" dos arquivos públicos e privados.[8] Em âmbito nacional, a legislação tenta seguir o curso internacional da informatização dos arquivos. A exigência de Arquivistas e Gestores da Informação é uma exigência da legislação dos anos 1990 (formação superior em Arquivo). Essa mudança, porém, não é acompanhada pelo desenvolvimento brasileiro de um sistema de gestão documental dedicado aos problemas e à identidade arquivística nacional cuja realidade é contrastante às principais doutrinas, técnicas e manuais da classificação, indexação, informatização, descarte, disponibilização da informação e da memória presentes em outros países. A implantação tardia da Gestão Documental no Brasil (tratamento físico e eletrônico das fontes da fase corrente à fase de arquivamento definitivo: gestão racional das fontes primárias, das fontes secundárias e constituição do Arquivo Histórico) aliada à falta de profissionais (Arquivistas e Gestores da Informação) e à ausência de concursos públicos são ainda fatores do "adiamento" na efetivação da "obrigatoriedade" da implementação administrativa e jurídica da Gestão Documental e Informatizada de todos os documentos e informações produzidas no ambiente público e privado nacional (local, estadual e federal).[9] Uma caracterísítica intrínseca a esse contexto "transitório" é a

---

[8] A partir de 1991 a edição da legislação nacional de tutela e disponibilidade de informações indica a necessidade premente de modernização da estrutura dos arquivos públicos e privados. Destaca-se a Lei 8159/1991 (Política nacional de arquivos públicos e privados); Lei 12527/2011 (acesso à informação, controle, graus e períodos de sigilo, classificação, reclassificação e desqualificação de informações pessoais e institucionais); Decreto N° 7724/2012 (Regulamento a Lei 12527/2011 – acesso a informação previsto no *caput* do artigo 5°, inciso II, do § 3° do artigo 37 e do § 2° do artigo 216 da CF de 1988 – abrangência, transparência ativa, custódia de sítios e internet, Serviço de informação ao cidadão, Pedido e acesso à informação, classificação documental dos graus de sigilo, desqualificação e reavaliação da informação qualificada segundo os critérios de sigilo; Portaria Interministerial n° 151/2014 (no âmbito das ciências, tecnologia e inovação e da cultura, cria o Programa Nacional de Acervos digitais (ProNAD), ecosistema integrado dos diversos acervos memoriais brasileiros; Resolução N° 11/2014 – Conselho Adminstrativo de Defesa Econômico (institui o Sistema eletrônico de informação – SEI – como sistema de gestão de documentos eletrônicos do CADE. Ver "Coletênea de Legislação Arquivística brasileira – Atualizada em Dezembro de 2014 – Conarq - *in* http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=48, (acesso dia 29 de abril de 2015).

[9] Para JARDIM (1987, p. 37) a "gestão é o processo de reduzir seletivamente a proporções manipuláveis a massa de documentos, que é característica da civilização moderna, de forma a conservar permanentemente os que têm um valor cultural futuro sem menosprezar a integridade substantiva da massa documental para efeitos de pesquisa". No que se refere ao Arquivo, apesar da impossibilidade de estabelecer um conceito unívoco, Derrida indaga: "Por que reelaborar hoje em dia o conceito de arquivo? Em uma só configuração o conceito seria de ordem técnica e política, ética e jurídica? Identificar a ética e a função humanística do Arquivo, em DERRIDA, Jacques. *Mal d'archive, une impression freudienne.* Colóquio Internacional "Memory: The Question of Archives, Conferência, Londres, Conferência em 5 de junho de 1994, Londres, ler integralmente *in* DERRIDA , Jacques,

contratação de profissionais das Ciências da computação e de Biblioteconomia para "indexar" e disponibilizar um sistema de Arquivos, situação contrastante aos objetivos mais caros às ciências do Arquivo e da Memória: conservação possível do conhecimento sócio-histórico-jurídico no tratamento das três fases do arquivo, sensibilidade na qualificação e na indexação e, finalmente, compromisso com o futuro nos momentos de descarte, de micro-registros definitivos, tutela e disponibilidade democrática dos documentos e dados. Muito recentemente, uma publicação da Fundação Getúlio Vargas contesta a maturidade documental dos arquivos brasileiros na era digital e propõe uma Gestão documental interdisciplinar dos documentos eletrônicos (RONDINELI, 2014).

Considerações finais

Objetivou-se, inicialmente, tratar da relação entre as diferentes velocidades e a política de produção de uma condição tecno-cientificista absolutista do sistema capitalista e do regime liberal na pós-modernidade. Paul Virilio é um dos pensadores dedicados a evidenciar os males provocados pela hiper-tecnologização dos espaços políticos reais. Segundo o francês, a prática dessa política tecnológica é incapaz de intervir de forma planificada e projetual na perspectiva da reprodução das riquezas e dos meios de existência das pessoas em sociedade. Esse « anti-projeto » veloz das hiper-tecnologias é, na sua natureza, dotado de uma ilusão de benefícios e de desempenho superiores para a humanidade. O autor assinala o inadiável desenvolvimento de recursos de análise crítica da realidade « desterritorializada » dos saberes tecnológicos virtualizados através de uma nova postura e uma nova ética visando a resolver este « vício » de « desresponsabilização » generalizada. A proposta de uma metodologia ou uma « teoria da desaceleração » vai ao encontro, no campo

---

PRENOWITZ, Eric. "Archive Fever: A Freudian Impression. Diacritics, Vol. 25, n° 2 (Summer, 1995), p. 6-63. In http://newsgrist.typepad.com/files/derrida-archive_fever_a_freudian_impression.pdf (acesso dia 19 de março de 2015). Foucault cunha o conceito de "enunciado" como expressão do arquivo e os "(...) níveis de sua existência: da função enunciativa que o arquivo exerce em si mesmo, a formação do discurso ao qual ele pertence, do sistema geral de arquivo que ele releva. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo." FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. *In* http://www.uesb.br/eventos/pensarcomveyne/arquivos/FOUCAULT.pdf (acesso em 10 de março de 2015).

dos direitos, de uma possibilidade, ainda que tênue, de regulamentação das relações de direitos anti-subjetivos e interfaciais dos diferentes vínculos estabelecidos no espaço onipotente das supra-tecnologias e assinala uma de suas características e na temporalidade hiper-virtualizada. Virilio é crítico do « delírio » deletério da ausência premeditada de um diálogo e uma prática metodológica de planejamento do futuro dos direitos e dos viveres dos indivíduos no seio de uma sociedade integralmente tecnologizada. Percebe-se com facilidade a inexistência de práticas democráticas de uma « cultura tecnológica » (VIRILIO, ARMITAGE, 2000) e, igualmente, o estabelecimento de um monopólio totalitário do conhecimento tecnológico. Uma ética de um « desenvolvimento sustentável » vai ao encontro de vários direitos humanos e fundamentais considerados num campo pluralista. O desenvolvimento de uma capacidade qualitativa do patamar de vida social e política é desejável diante do neurotizante crescimento quantitativo da performance econômica. Se torna cada dia mais evidente o fato de que os diferentes conhecimentos tecno-científicos são espectros transcedentais dos últimos desdobramentos da ontologia ocidental. Assim, a História e a Técnica não são mais um horizonte para a humanidade. Os « sujeitos » de Direitos perderam e perdem a possibilidade de dominar a técnica. Os saberes e as práticas processuais das ciências do Direito são incapazes de determinar o « dever-ser » do indivíduo como parte integrante da simulação do real e, ao mesmo tempo, não podem ser identificados como razão de uma categoria privilegiada.. Na relação entre diversos simulacros tecno-científicos se torna racionalizável empenhar a existência dos indivíduos em uma estratificação transpolítica dos símbolos. Finalmente, o indivíduo perde historicamente a tonicidade da subjetividade e a capacidade de auto-representar direitos: o apagamento da noção de « sujeito» de Direitos como resíduo da pós-modernidade é vivamente preocupante principalmente diante da consideração não negligenciável da perigosa legitimação do nomeado estado « transpolítico ».

Bibliografia

ASSIER-ANDRIEU, Louis, *« Penser le temps culturel du droit »,* L'Homme , 4/ 2001 (n° 160), p. 67-90, URL : www.cairn.info/revue-l-homme-2001-4-page-67.htm. (acesso dia 01 de março de 2015).

_____. "Le droit du temps ou la fin du droit ? A propos de Le temps du droit de François Ost." Droit et société n° 46:659-669, 2000.

ARMITAGE, John; BISHOP, Ryan (ed.) *Virilio and visual culture (critical connections)*. Edinburg: Edinburg Unversity Press, 2013.

DERIDA, F. « Le temps présent et l'historiographie contemporaine ». *Revue d'histoire*, n° 69, Janeiro-março de 2001, pp. 153-160, *in* http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs_0294-1759_2001_num_69_1_1290 (acesso dia 28 de março de 2015).

BOBINEAU, Olivier. « La troisième modernité, ou « l'individualisme confinitaire ». *SociologieS*. Théories et Recherches, juiho/2011 in http://sociologies.revues.org/3536 (acesso dia 10 de março de 2015).

CAILLAT, Sophie. "Avec Paul Virilio, prenons le temps de penser la vitesse.". Nouvel Observateur, L'Obs avec Rue89, on line, *in* Colloque "L'Humain augmenté –

État des lieux e perspectives critiques – perception del'humain reparé ou augmenté par huybridation tecnologique". Paris: IDCC-CNRS, 2012, videos on-line *in* http://www.iscc.cnrs.fr/spip.php?article1668 (acesso dia 15 de março de 2015).

CASALEGNO, Federico. *Mémoire quotidienne. Communautés e communication à l'ère des réseaux – Dialogues de Federico Casalegno.* Laval: Les Presses de L'Université de Laval, 2005.

CASTRO, Maria Lilia Dias de *et alii*. (orgs). *Em torno das mídias – práticas e ambienciais.* Sulina: Porto Alegre, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle. Conversações: 1972-1990.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226. Disponível on-line *in* http://www.somaterapia.com.br/wp/wp-content/uploads/2013/05/Deleuze-Post-scriptum-sobre-sociedades-de-controle.pdf

_____. *Difference et répétition.* Paris: PUF, 2000.

DESBARATS, Carole, LAGEIRA, Jacinto, RIVIÈRE, Danielle, VIRILIO, Paul. *Atom Egoyan*. Paris: Dis Voir, 1994.

DUMONT, Louis. "*Essais sur l'individualisme – une perspective antropologique sur l'ideologie moderne."* Paris: Seuil, 1983, file:///Users/elianaperini/Documents/VVV%20LOUIS%20DUMONT%20Essais-Sur-L-individualisme-Une-Perspective-Anthropologique-Sur-L-ideologie-Moderne-Louis-Dumont-Seuil-1993-pdf.pdf (acesso dia 01 de março de 2015)

_____. *Homo aequalis 1: Genèse et épanouissement de l'idéologie économique.* Paris: Galimard, Poche, 2008.

FERNANDES, Fabio. *"Arthur C. Clarke e William Gibson* - Visões da Aldeia Global de McLuhan no Futuro Próximo. CISC, CHREBH, v. 1, n° 02, 2003, *in* http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=260&path%5B%5D=269 (acesso dia 28 de março de 2015).

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses.* Paris: Gallimard, 1999.

_____. *A verdade e as formas jurídicas.* Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

FUKUYAMA, Francis. *Nosso futuro pós-humano.* Rio de Janeiro, 2003.

_____. O Fim da História. Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

GAUDRIAULT, Caroline. "Inventer l'avion, c'est inventer le crash ...". Conversation avec Paul Virilio, ZigSag-Blog.com, 02 de outubro de 2012. *in* http://www.zigzag-blog.com/spip.php?article4&lang=fr (consultado dia 16 de março de 2015).

JAMES, Ian, *Paul Virilio* (Routledge Critical Thinkers). Routledge, Amazon Digital Services, 2007.

JARDIM, José Maria. O conceito e a prática de gestão de documentos. Acervo, Rio de Janeiro: 1987.

HOUELLEBEQ, Michel. *Plataforme.* Paris: Famarion, 2010.

_____. *Les particules élémentaires.* Paris: Flamarion, 2010.

HARTOG, François. *Régimes d'historicité, Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003. *In http://flipbook.cantook.net/?d=%2F%2Fwww.edenlivres.fr%2Fflipbook%2Fpublications%2F48123.js&oid=4&c=&m=&l=&r=&f=pdf* (acesso dia 07 de março de 2015).

"Karl Marx. O capital - crítica da economia política. Volume I – Livro primeiro – o processo de produção do capital. Tomo 1". Apresentação de Jacob Gorender. Os Economistas, São Paulo: Nova Cultural, 1966. *In* http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf (acesso dia 05 de março de 2015).

LECOURT, Dominique. *Humain, post-humain – la technique et la vie*. Paris: Press Universitaire de France, 2011.

LEGENDRE, Pierre. *Dominium Mundi : L'empire du management*. Paris: Mille et Une nuits, 2007.

LUTTWAK, E. *Turbo Capitalismo: Perdedores e Ganhadores na Economia Globalizada.* Rio de Janeiro: Nova Alexandra, 2001.

MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões.* São Paulo: Cultrix, Tradução de Décio Pignatari, 1964, *in* http://copyfight.me/Acervo/livros/MCLUHAN,%20Marshall%20-%20Os%20Meios%20de%20Comunicac%CC%A7a%CC%83o%20como%20Extenso%CC%83es%20do%20Homem.pdf (acesso dia 28 de fevereiro de 2015).

MACLUHAN, Marshall, POWERS, Bruce R. *The Global Village: Transformations in World Life and Media in the 21st Century*. Oxford University Press, 1992.

MARCUSE, Herbert. *Razão e revolução – Hegel e o advento da teoria social.* Petrópolis: Paz e Terra, 2004.

NOYS, Benjamin. *Malign Velocities: Accelerationism and Capitalism.* Zero Books: Alresford, Hants, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. "Para uma crítica da modernidade". *In* Vontade de Potência. Ensaio de uma transmutação de todos os valores". http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Vontade%20de%20Pot%C3%AAncia.pdf (acesso dia 28 de fevereiro de 2015).

PEREIRA, Vinícius Andrade *Estendendo McLuhan: da Aldeia à Teia Global - Comunicação, Memória e Tecnologia*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PEPPERELL R., *The Posthuman Condition: Consciousness beyond the brain - The posthuman Manifesto.* Intellect Books, 2003.

POLLMANN, Christopher. *Accumulation, accélération et individualisme juridique* - Droit, société et politique dans l'emballement du monde. In Jean-Louis AUTIN & Laurence WEIL. Le droit figure du politique. Etudes offertes au professeur Michel Miaille. Montpellier: Université de Montpellier, 2008, I, vol. I, p. 369-442 *in https://halshs.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/606382/filename/Pollmann_Emballement.pdf* (acesso dia 28 de fevereiro de 2015)

_____. *De l'accélération à la frénésie paralysante ?* Paris*:* Temporalités (en ligne)*, 13, 2011, in http://temporalites.revues.org/1564#bibliography* (acesso dia 28 de fevereiro de 2015).

REDHEAD, Steve. *Paul Virilio - Theorist for an Accelerated Culture.* Hardcover. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

RONDINELI, Rosely Curi. *A Prática da Gestão de Documentos Eletrônicos*. São Paulo: FGV, 2014.

_____. *We Have Never Been Postmodern: Theory at the Speed of Light*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011
2011.

SCHAFF, Adam. *História e verdade.* Martins Fontes : Rio de Janeiro, 2005.

SOARES DOS SANTOS, Guilherme. "*Du village global à l'autre-ville: portraits croisés de Marshall Macluhan et Paul Virilio".* Passages de Paris, 9 (2004), APEB.fr, 46-59, *in http://www.apebfr.org/passagesdeparis/editione2014/articles/pdf/PP9_Dossier4.pdf* (acesso dia 28 de fevereiro de 2015).

THOMPSON, John B. *Ideology and Modern Culture: critical social theory in the era of mass communication.* Stanford: Stanford University Press, 1990.

TOURAINE, Alain. "*Critique de la modernité"*. Paris: Fayard, 1992, poche *in http://classiques.uqac.ca/contemporains/touraine_alain/critique_de_la_modernite/touraine_critique_de_la_modernite.pdf* (acessado dia 01 de março de 2015).

SOUZA SANTOS, Boaventura de. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

SCHEUERMAN, W. ROSA H. (dir). *High-Speed Society : Social Acceleration, Power and Modernity*. University Park, Pennsylvania State University Press, 2009.

UHL, Magali. *Images d'un corps hanté par la tecnologie. In* Cahiers de Recherché s-Sociologique, Paris: Érudit Revue, n° 50, 2011.

VELHO, Gilberto. *Mudança, Crise e Violência: Política e Cultura no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

VIRILIO, Paul. *La vitesse de libération*. Paris: Galilée, 1995.

_____. *Esthétique de la disparition.* Paris: Galilée, 1989.

_____. *L'insécurité du territoire*, Paris: Galilée, 1993.

_____. *Vitesse et politique: Essai de dromologie* (Collection l'Espace critique) (French Edition), Paris: Galilée, 1977.

_____. *L'horizont negatif*. Paris: Galilée, 1984.

_____. *Espaço critico e as perspectivas do tempo real*. São Paulo, ed. 34, 1993b.

_____. *L'estratégie de la deception.* Paris: Gallimard, 1999. (A estratégia da decepção. São Paulo: Estação Liberdade, 2000).

_____. *L'inertie polaire.* Paris: Cristian Gourgeois Editeur, 2002.

_____. *L'art du moteur.* Paris: Galilée, 1993. (A arte do motor. São Paulo: Estação Liberdade, 1996).

_____. *L'accident original.* Paris: Galilée, 2005.

_____. *Un paysage d'événements.* Paris: Galilée, 1997.

_____. *La machine de vision.* Paris: Gallimard, 1988. (A máquina de visão. Editora José Olympo, 1994).

_____. *Cybermonde – la politique du pire. Etretien avec Philippe Petit*. Paris: Textuel, 1996. (Cibermundo: a política do pior. Lisboa: Teorema, 2000).

_____.Virilio Paul. « Dromologie : logique de la course », entrevista de de G. Daghini com P. Virilio, Future anterieur, n° 5, Multitudes Web, 1991, *in http://www.multitudes.net/Dromologie-logique-de-la-course/* (acesso dia 10 de março de 2015)

VIRILIO, Paul, LOTRINGER, Sylvère. *Pure war.* New York: Semiotext(e), 2008.

VIRILIO, Paul, J. ARMITAGE. **The Kosovo War Took Place In Orbital Space.** Ctheory.net, article 098, 2000, in http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=132, acesso dia 05 de maio de 2015.

"Terre natale commence ici" - Fondation Cartier, Paris, 21 de novembro a 15 de março de 2009 (foi editado o livro de bolso com o mesmo nome da exposição : VIRILIO, Paul *et alii. Terra natale, ailleurs commence ici.* Paris: Coédition Fondation Cartier pour l'art contemporain e Actes Sud, 2009.

WAJCMAN, Judy. *Pressed for Tim: The acceleration of Life in Digital*. Chicago: University Of Chicago Press, 2014.

Filmografia

PAOLI, Stéphane (direção). Penser la vitesse; Paris, Arte Editions, DVD, 2009. on line *in* https://www.youtube.com/watch?v=vK8TGPNxhtM (acesso dia 10 de março de 2015)

Bibliografia usada e não citada

Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Trad. de F. Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MARZANO, Michaela. *Visages de la peu*r. Paris, PUF, 2009.

LYOTARD, Jean-François. *La condition postmoderne*. Paris: Édition de Minuit, 1979.

HABERMAS, Jürgen. *L'avenir de la nature humaine : vers un eugénisme libéral ?* Paris: Gallimard, 2002.

DUPUY, Jean-Pierre. *Pour un catastrophisme éclairé*. Paris: Points Seuil, 2004.

LAFONTAINE, Céline. *La Société post-mortelle*. Paris: Seuil. Antoinette Robitaille, 2008.

ROSE, Nikolas. *The Politics of Life Itself. Biomedecine, Power and Subjectivity in the Twenty-First Century*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

VENTURINE, Serge. *Eclats d'une poétique du devenir Journal du transvisible Livre 4 (2007-2009)*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2010.

Günther ANDERS. *L'obsolescence de l'homme. Tome 2. Sur la destruction de la vie à l'époque de la troisième révolution industrielle*. Paris: Fario, coll. Ivrea, 2011.

SIMONDON, Gilbert. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Paris: Éditions Jerôme Millon, 2005.

_____. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000.

HUYSSERL, Edmund. *Éléments d'une élucidation phénoménologique de la connaissance,* " Recherche ", VI, Paris: PUF, 1974

_____. *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps* (1904-1905). Paris: PUF, 1970.

_____. *L'idée de la phénoménologie,* Cinq Leçons (1907). Paris: PUF, 1970.

_____. *Chose et espace.* Paris: PUF, 1989.